

A MAGIA NO MUNDO GRECO-ROMANO

(Edição Bilíngue e Crítica)

Henri Hubert

edusp

A Magia no Mundo Greco-romano

Biblioteca Durkheimiana, 7

USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes

edusp EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Carlos Roberto Ferreira Brandão

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Valeria De Marco
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Ricardo Pinto da Rocha
Tânia Tomé Martins de Castro
Suplentes Marta Maria Geraldes Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin

HENRI HUBERT

A Magia no Mundo Greco-romano

(Edição Bilíngue e Crítica)

Organização e Edição
RAFAEL FARACO BENTHIEN

edusp

Copyright © 2021 by Organizador

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hubert, Henri, 1872-1927

A Magia no Mundo Greco-romano: edição bilíngue e crítica / Henri Hubert; organização Rafael Faraco Benthien; tradução Rafael Faraco Benthien, Guilherme Gontijo Flores. – 1. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

(Biblioteca Durkheimiana; 7)

Título original: Magia
ISBN 978-65-5785-039-8

1. História antiga – civilização antiga – Estudo e ensino 2. História antiga – Obras anteriores a 1800 3. História do mundo 4. Magia I. Título II. Série.

21-69549 CDD-930.7

Índices para catálogo sistemático:
1. História antiga: Estudo e ensino 930.7
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2021

Foi feito o depósito legal

Para W., M. L. e R. M.,
especialistas em magia.

Apresentação da Coleção

SERGIO MICELI

A iniciativa da *Biblioteca Durkheimiana* revela a saudável ambição de uma nova geração de pesquisadores brasileiros. Além de traduções caprichadas de textos da *Escola Sociológica Francesa*, os organizadores planejam edições críticas e bilíngues. Tal intento consiste em restituir, em primeiro lugar, a história do texto, confrontando, se necessário, as várias edições publicadas pelo autor em vida. O aparato crítico inclui um dossiê de artigos produzidos por especialistas e anexos documentais pertinentes (resenhas, cartas etc.). O leitor é instigado a assumir uma resposta calibrada, averiguando as escolhas dos tradutores e tendo à disposição instrumentos para ir além.

Outro ponto digno de nota é o resgate de integrantes menos conhecidos dessa "Escola". Embora reconhecessem Émile Durkheim como patrão e patrono, os *durkheimianos* lograram posição destacada no seio da universidade francesa da época por meio de um trabalho coletivo, dimensão a ser resgatada em vez da redução frequente desse experimento intelectual aos chefes de escola. Evocar novos nomes, bem como trazer à tona outras facetas das figuras já conhecidas, permitirá certamente uma visão mais abrangente e circunstanciada do grupo e de seus integrantes.

A Biblioteca Durkheimiana recusa a visão uniforme e chapada de uma tradição intelectual. Longe de catequizar, vendendo o "clássico" como conjunto de fórmulas no atacado, ela enxerga certa tradição intelectual como objeto de investigação. Àqueles brindados por esse manancial caberá a crítica da herança recebida, o que não dispensa autocrítica.

Nota dos Coordenadores da Coleção

RAFAEL FARACO BENTHIEN
RAQUEL WEISS

A *Biblioteca Durkheimiana* é uma iniciativa do Centro Brasileiro de Estudos Durkheimianos. Trabalhando em sintonia com o British Centre for Durkheimian Studies (Inglaterra), o Laboratoire d'Études Durkheimiennes (Canadá) e o Centre for the Study and Documentation of Religions and Political Institutions in Post-Secular Society (Itália), tal centro tem por finalidade promover uma reflexão crítica acerca da Escola Sociológica Francesa, agregando, para isso, estudantes e pesquisadores de diversas áreas – sociólogos, filósofos, antropólogos, cientistas políticos, historiadores e linguistas. A presente coleção é um dos meios para atingir essa finalidade.

Tentando fugir do molde de uma tradução pura, a Biblioteca Durkheimiana propõe ao público brasileiro e internacional edições bilíngues e críticas de textos pouco conhecidos ou já esgotados. Importa aqui, sobretudo, fugir da ideia de um texto unívoco, sedimentado na voz traduzida do autor, e, enfim, "clássico". Afinal, nada mais perigoso para as ciências sociais que a celebração de uma tradição que vende fórmulas prontas para serem aplicadas. Os textos têm uma história, a qual se manifesta em seu próprio corpo (nas modificações engendradas por seus autores), nos suportes em que foram publicados (revistas, livros) e nas reações que vão aderindo ao original, tal qual um palimpsesto. É nesse cruzamento de diversas temporalidades, invariavelmente influenciado por contingências do momento, que é preciso situar-se para construir uma visão equilibrada e ponderada do que se lê. Eis aí o motivo para termos preservado o original com sua paginação (o que permite uma autonomia do leitor quanto à tradução), inserido anexos de época associados ao texto principal e, enfim, encomendado artigos junto a especialistas.

Agradecimentos

O organizador expressa aqui sua gratidão a todos que, direta ou indiretamente, viabilizaram a publicação deste volume: a Cristophe Labaune, arquivista do Collège de France, por facilitar o acesso ao material depositado no Fundo Henri Hubert; a Semíramis Corsi Silva, cuja contribuição enriqueceu sobremaneira o dossiê crítico; a Guilherme Gontijo, que me honrou com uma bem bolada parceria na tradução; bem como a Robson Bertasso, mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que realizou um excelente e sensível trabalho de revisão. Gostaria de destacar ainda que, durante a preparação do volume, no difícil contexto da pandemia de covid-19, Marilena Vizentin foi mais uma vez fundamental. Registro, portanto, um agradecimento todo especial a ela e aos demais colegas da Edusp.

Sumário

1. Apresentação do Volume 17

2. Nota sobre a Tradução e o Aparato Crítico 31

3. *A Magia no Mundo Greco-romano*
(Edição Bilíngue e Crítica) 33

4. Dossiê Crítico 205
   4.1 Magia, Filosofia e Poder nas Teurgias de Apuleio e de Apolônio de Tiana 207
   Semíramis Corsi Silva
   4.2 O DAGR e a Escola Sociológica Francesa 223
   Rafael Faraco Benthien
   4.3 Biobibliografia de Henri Hubert 239

5. Anexos 245
   5.1 Cartas de Edmond Pottier a Henri Hubert 247
   5.2 Cirene 251
   5.3 Cartas de Edmond Saglio a Henri Hubert 261
   5.4 Carta de Edmond Pottier a Salomon Reinach 263

6. Sobre os Colaboradores 267

7. Índice Onomástico 269

8. Índice Temático 277

1

Apresentação do Volume

RAFAEL FARACO BENTHIEN

Para grupos urbanos, burgueses e profissionais, o acesso ao mercado de trabalho marca a separação entre a infância e a idade adulta. Deixar de ser criança passa, nesses casos, por poder usufruir de salário oriundo de um trabalho para o qual se foi treinado, tirando dele o digno sustento. Essa iniciação, dramática como todo rito análogo, é particularmente penosa no caso dos postulantes às posições de professor/pesquisador. Obrigados a adiar o início de suas atuações em função de um sem número de qualificações suplementares (diplomas, estágios, concursos), os neófitos são mantidos por longo tempo em estado híbrido, nem adultos, nem crianças. Como os primeiros trabalhos que realizam durante suas formações ainda não lhes facultam o direito a um real salário, eles dependem de bolsas de estudo, de reservas familiares, ou mesmo do exercício de atividades não especializadas (ou, em bom português, dos "bicos"). Nesse ínterim, é comum que se questionem sobre a validade e o sentido de suas ações. Acaso os investimentos em uma formação corresponderão às expectativas tanto de quem os empreende quanto àquelas que coletivamente se nutre em relação a essa pessoa? Diante da incerteza de um futuro que ainda não é presente, e que talvez possa nunca vir a ser, é comum que o aprendiz multiplique seus investimentos, explore terrenos, buscando avaliar as – e reagir às – possibilidades que lhe são apresentadas.

Oriundo de uma família parisiense de bem estabelecidos fabricantes de peças de vestuário, Henri Hubert (1872-1927) enquadra-se bem nos traços gerais evocados entre agosto de 1892 e junho de 1901. Trata-se, afinal, do intervalo que separa o início de seus estudos na École Normale Supérieure [Escola Normal Superior] e a obtenção de seu primeiro trabalho remunerado como docente efetivo da V^{a} Seção da École Pratique des Hautes Études [Escola Prática de Altos Estudos], doravante EPHE, dedicada às ciências religiosas. A produção de "Magia no Mundo Greco-romano", ou, em

conformidade com o original, simplesmente *Magia*, coincide com o final deste período. Hubert entrega a versão final do manuscrito a seus editores um mês depois de ser eleito professor. Esse paralelismo não tem nada de fortuito. Em se tratando de um estudo monográfico sobre a magia na Antiguidade clássica, ele representa o último grande investimento do autor fora dos terrenos em que se tornará especialista na sequência: o domínio mais restrito dos estudos celtas e germânicos, bem como o território mais amplo da sociologia religiosa de cunho comparatista. Para que essa particularidade se torne mais compreensível ao leitor, discutirei nas próximas páginas os sentidos dos primeiros investimentos intelectuais de Hubert ao longo de sua juventude.

* * *

Na última década do século XIX e nos primeiros anos do XX, de fato, o autor parece tatear em várias direções, combinando trunfos escolares e contatos profissionais. A primeira intervenção pública no mundo da ciência vem na forma de um artigo publicado em 1894, no qual reconstitui, traduz e discute duas inscrições epigráficas gregas oriundas da Ásia Menor que lhe foram transmitidas por René Cagnat (1852-1937), então professor de epigrafia latina do Collège de France[1]. O artigo é técnico, embora já indique, pelo teor das inscrições antigas – uma ode às musas que curam os usuários de termas e o texto de uma lápide –, o interesse em discutir temas relacionados à história religiosa. Um ano depois, Hubert obtém o terceiro lugar no concurso nacional de *agrégation* na área de história, que o habilita a tornar-se funcionário público no âmbito da educação nacional. O bom resultado permite, contudo, o prolongamento de seus estudos superiores na EPHE, onde acompanha cursos de história das religiões e trava seu primeiro contato com Marcel Mauss (1872-1950). Datam desses mesmos anos duas claras frentes de pesquisa: uma tese sobre as religiões da Ásia Menor, que jamais foi concluída[2], bem como outra sobre a história da igreja cristã-bizantina[3].

1. Henri Hubert, "Deux inscriptions métriques d'Asie Mineur", *Revue Archéologique*, vol. 24, n. 1, 1894, pp. 308-314.
2. Hubert planejava redigir antes uma tese sobre a deusa síria, da qual restam-nos apenas notas e fragmentos. O maior desses fragmentos é um manuscrito de 21 páginas escrito no âmbito de sua primeira passagem pela EPHE, como estudante – ver, nessa direção, o dossiê "La Déesse Syrienne", que integra os arquivos Henri Hubert depositados no Musée d'Archéologie Nationale, cota documental 2016001/12.
3. Alguns desses trabalhos chegam a ser publicados. Penso aqui, sobretudo, em Henri Hubert, "Étude sur la formation des états de l'Église: les papes Grégoire II, Grégoire III, Zacharie et